

Design Joaquim Leal
© Joaquim Leal, Amélia Bentes, Vítor Garcia,
Ana Moreno & Escola Superior de Dança/IPL
Todos os Direitos Reservados
Edição 250
Abril 2023

(in)VISIBILITY
de Amélia Bentes

Fotografia

Joaquim Leal



(In)VISIBILITY

É um estudo físico sobre a ausência na presença.

É um mapa de orientação energética que permite ao intérprete sentir o que o corpo faz sem ter de se vigiar do exterior. É o fluir de uma prática que está muito presente no agora, enquanto o corpo se esquece de si próprio. Desarticular o organismo, apoiar a organicidade a fim de deixar as vibrações interiores serem notadas. Confiar na dinâmica do que é temporário e tomar consciência das inúmeras possibilidades do momento.

Uma reversibilidade entre o fora e o dentro – o próprio lugar da sensação. Reporta para sensações internas, que podem ou não ter identidade. Sensações sem rosto, tornando o corpo um foco de toda a expressão. Procurando uma identidade que pode estar em qualquer lado. Uma vontade de liberdade, de nos olharmos para dentro, simplesmente sermos como somos. A necessidade de desvendar a identidade através do rosto passa, assim, para o resto, o corpo.

Amélia Bentes









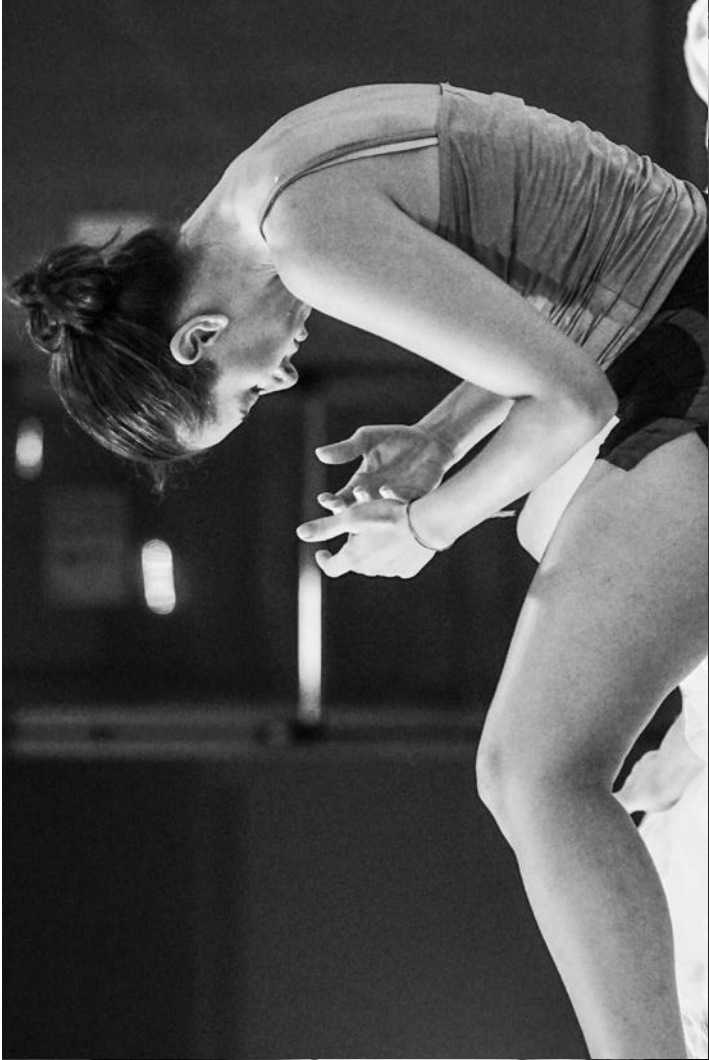


























(in)VISIBILITY é o resultado da criação de um objeto artístico, através do estabelecimento de uma relação interdisciplinar entre os vários contributos num processo coreográfico, interpretativo e de investigação, a sua materialização num formato misto entre performance e comunicação oral e as suas apresentações em espaços alternativos.

Esta materialização resulta do desenvolvimento e concretização do processo criativo de modo interdisciplinar, e para o corporificar é necessário estimular uma prática colaborativa entre os vários participantes, através da implementação de relações de entendimento e cumplicidade artísticas.

(in)VISIBILITY foi criada pela coreógrafa Amélia Bentes com e para a intérprete, bailarina, Ana Moreno. Embora seja apresentada na forma de um solo, como parte de um processo de investigação conta, ainda, com a participação de Helena Moreira e de Nuno Velosa, estudantes, para garantir e complementar as condições necessárias à implementação das metodologias de investigação.

Sobre o processo de criação coreográfica desta coreógrafa, e mais especificamente sobre o que procura num intérprete para o seu trabalho, destacam-se as competências de Criatividade, de capacidade de Escuta, de Improvisação, de movimento personalizado, de domínio da dramaturgia emocional do movimento, de controlo da energia física e, fundamentalmente, de Presença, sendo esta última “a junção de todos estes ingredientes”.

Estas competências serão as requeridas, para que o processo colaborativo de criação se desenvolva interdisciplinarmente, de modo a corresponderem aos objetivos, subjetividades, estéticas e ferramentas de construção da linguagem coreográfica específica da coreógrafa e ao seu método de composição coreográfica e dramaturgíca.

A sua linguagem coreográfica não surge dissociada dos seus métodos e processos composicionais, mas sustenta-se numa evolução dramaturgíca que é erigida pela intervenção progressiva de diversos tipos de narrativas de intenções, de imagéticas, de dinâmicas, de sensações e de emoções, aliadas as arquiteturas de espacialidade, de movimento e de som, que se articulam entre si para a definir e concretizar.

O resultado é um movimento que se apresenta abstrato e legível, mas carregado de alusões emotivas, rítmicas e metafóricas, que se torna característico em cada peça coreográfica, com o auxílio da contribuição e das características singulares dos respetivos intérpretes, dos diálogos e das relações criativas estabelecidas, sem se repetir ou cristalizar. É a convergência duma busca constante por um discurso interno personalizado, da “canção” de cada movimento, de contrastes e imprevisibilidades, de expressividade e da exposição do sentir, da força inerente à fragilidade do ser, da dicotomia entre confiança e vulnerabilidade, de um “virtuosismo da interpretação”.

A leitura e impacto desta convergência, por quem assiste, é energeticamente forte e intenso, proporcionando um contágio sensorial e comunicativo direto e pleno, mas sempre aberto a uma apreciação personalizada e singular.

Já os três intérpretes envolvidos, a bailarina e os dois estudantes, destacam impressões pessoais que permitem fazer-se uma ideia dos moldes em que a sua relação colaborativa com a criadora se efetivou. As suas experiências, ao serem diferentes, também fornecem aspetos e abordagens distintas de perceção e de participação.

No caso da bailarina, Ana Moreno, é referido como crucial a qualidade da comunicação, de relacionamento e de respeito, destacando a constante abertura às possibilidades e sugestões que foram surgindo da sua parte e que nunca foram “castradas” ou negligenciadas. Estabeleceu-se uma cumplicidade na comunicação e no entendimento, tão eficaz ao ponto de “eu perceber a Amélia e a Amélia me perceber”, de segurança na perceção de que a conversa foi estabelecida e de que funcionou, da mesma maneira que, “como um beijinho de esquimó” mostra ser uma maneira física de conhecer a outra pessoa.

Menciona a assertiva especificidade da coreógrafa naquilo que pretende, da sua “plasticidade”, das suas dinâmicas, das qualidades do seu movimento, da sua imagética, “do seu universo”. Houve uma necessidade de uma rápida adaptação ao material coreográfico, mas com alguma liberdade para esse material ser moldado com alguma “elasticidade”.

A elasticidade também se deteta na maneira de pensar o próprio movimento, num corpo que não se pretende formal. O movimento é sempre respirado e vem sempre de um centro, vai para fora quase ao seu limite, que é sempre elástico, e volta ao seu centro inicial sem nunca fraturar.

Para a estudante, Helena Moreira, o primeiro grande impacto foi a observação da rapidez do processo se dever ao facto do estabelecimento de uma relação colaborativa artística eficaz. Distintamente uma questão de experiência e de profissionalismo, tanto da coreógrafa como da bailarina. A forma e a velocidade de como se passou da exploração do movimento para a organização da “frase de movimento”, e seguidamente à construção da estrutura final da peça, foi “magnífica”. Foi a constatação do que realmente é um processo de cocriação, de um processo fundamentalmente equilibrado onde é “claro o que um lado e o outro dão”.

Quando menciona a sua experiência na interpretação da peça, destaca que finalmente entendeu a pertinência de execução com os olhos fechados ou vendados. É onde a invisibilidade passa a ser Presença, onde se confronta a complexidade de confluir toda a expressividade exclusivamente só para o corpo, para o movimento. É uma experiência completamente diferente onde se sentem “imensas coisas”, uma “montanha-russa” de emoções.

Para o estudante, Nuno Velosa, a experiência é relatada pelas suas próprias palavras escritas, abordando o lado do observador, do espetador, do público. “Tenho a certeza que não é apenas sobre quem dança.

Logo pela primeira vez que assisti a um ensaio de (In)VISIBILITY, notei que esta era uma peça que vinculava aquele que observa e o que interpreta. Este último é o mote da cena: existe e a peça, por si mesma, apenas existe por ter um ser que a interprete, porém, existe uma fecundação quando as passagens são cercadas por olhares estaticamente frenéticos, que acompanham todo o movimento e apenas veem o movimento.

Quando adquiri a primeira impressão do que seria a totalidade da readaptação da peça de Amélia Bentes, com a interpretação da Ana Moreno, percebi, ao longoda exploração, que não estava a servir de olho para quem é feita a arte.

A peça provoca, intensifica-se e leva o público consigo. Deixei por mim com um alegórico sentimento de empatia frenética por aquele ser que lá habitava, variando entre os diversos momentos de aflição e os de relaxamento. De facto, todos os fatores envolvidos na conjugação da obra contribuem para estes fatores e inter-relacionamento entre as duas condicionantes (o público e o bailarino): a paisagem sonora (assim intitulada, por não se bastar de uma música apenas) cria o ambiente da cena, mesmo antes do despertar do movimento.

O som acompanhante é tenso, pesado, denso, com diversos sons intensos que formulem uma certa impressão de incerteza e pendor holístico. Esta paisagem não apenas se entranha nas variações que vai originando, em contracena com a intérprete, mas também na forma como transporta o observador para um estado de potência emocional, que propicia o estado empático do ser que vibra. Esta é capaz de acompanhar, contrastar e elevar a cena, fazendo-nos viajar com ela. Por outro lado, o ambiente cenográfico pode mesmo ser considerado o fator principal para uma exímia concretização dos sentimentos da peça”. (Nuno Velosa, 2023).

Pela força de todas as construções e narrativas visualmente ausentes, ao promover e entregar o fluxo de comunicação entre todos os corpos presentes, ao criar o evento artístico performativo que permitira a todos os que o presenciarem responder, de forma muito pessoal e singular, à essencial questão dramaturgica, “Quem é esse ser?”.

Vítor Garcia, 2023



Ficha técnica

Direção e Coreografia: Amélia Bentes

Intérprete: Ana Moreno

Dramaturgia/Comunicação: Vítor Garcia

Música original ao vivo: Nuno Veiga

Cenário e Figurinos: Carlota Lagido

Assistência: Nuno Velosa, Maria Helena

Direção técnica: Raul Seguro/Jon Luz

Exposição de fotografia: Joaquim Leat

Apoios: Centro de Artes de Marvila, Escola Superior de Dança/IPL, Fábrica do Braço de Prata

Este projeto é financiado pelos concursos IDI&tCA do IPL (IPL/2022/PCI-ICDI_ESD)



Apoio:

es d
escola superior de dança
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA

 **POLITÉCNICO
DE LISBOA**


Centro Artes Marvila

 **FÁBRICA BRAÇO DE PRATA**